

Para construtores de MG, o setor está estagnado

**Da sucursal de
BELO HORIZONTE**

"Podemos dizer tranquilamente que estamos em recessão. Há oferta de material e mão-de-obra, mas, temerosos de não poderem arcar com os compromissos financeiros, os clientes preferem não arriscar e não compram". A afirmação é do presidente da Comissão de Obras Públicas do Sindicato da Indústria de Construção Civil de Belo Horizonte, Mauro Ribeiro Castro, que é também proprietário da Construtora Metrópole, empresa que nos últimos seis meses demitiu 50% de seus 400 empregados.

A situação da Construtora Metrópole — que, para corrigir seu capital de giro, de acordo com a inflação do primeiro trimestre necessitaria faturar mais 40%, e para a qual "o segundo semestre é uma incógnita" — retrata a conjuntura atual do setor de construção civil em Minas. Segundo Mauro Castro, os resultados preliminares de uma pesquisa elaborada pelo sindicato demonstram que "90% das construtoras estão pessimistas quanto ao mercado, já realizaram grande número de demissões e prevêem novas dispensas, pois estão com dificuldades para terminar suas obras, não havendo perspectivas de iniciarem outras".

Na indústria cimenteira, o gerente industrial da Cimas-Cimento Nacional de Minas, Nicolau Boller, mesmo com um estoque de 60 mil toneladas, considera que "o mercado está tranquilo, pois os estoques vão garantir o abastecimento nos meses de maior consumo, que são, tradicionalmente, julho, agosto e setembro". Ele lembrou, no entanto, que no ano passado a indústria cimenteira "teve dificuldades em atender o pique da demanda", fato que não se deverá repetir este ano.

TÊXTEIS

"No setor têxtil, o quadro atual chega a ser dramático", afirma o secretário de Estado da Indústria, Comércio e Turismo, José Romualdo Cançado Bahia, cuja família, há duas gerações, é proprietária da Cotonifícios José Augusto, empresa de médio porte. Em contato permanente com os empresários mineiros do setor têxtil, Romualdo Cançado afirmou que "as indústrias normalmente trabalhavam com dois meses de produção vendida, mas, em março último, conseguiram colocar apenas 10% da produção. A situação é preocupante, porque estas indústrias estão disseminadas por todo o Estado, sendo, em alguns municípios, a única fonte de tributos e empregos".

O secretário considera "grave a ocorrência simultânea de três fatores: liberação de juros, restrição de crédito e queda da demanda. Se ocorresse exclusivamente queda da demanda, o industrial poderia financiar estoques, a custos razoáveis, até a reativação dos negócios. Mas os encargos financeiros já atingiram índices absurdos, levando necessariamente o industrial

à redução da produção e à inevitável dispensa do pessoal", afirmou.

"Os industriais têxteis prevêem que, se não houver uma reanimação dos negócios até maio, sobrevirá o desemprego em escala no setor", acrescentou o secretário. Suas informações são de que "várias indústrias suspenderam o terceiro turno de trabalho (à noite), reduzindo para 15 e 16 horas as atividades fabris que normalmente funcionam 24 horas por dia". Segundo Romualdo Cançado, a dispensa de operários "é irmã gêmea da redução de produção, e ambas são consequência da alta de juros e restrição de crédito, com graves reflexos nos custos industriais".

ELETROELETRÔNICA

A diminuição de encomendas e o acréscimo dos custos são também os motivos que levaram a indústria eletrônica a diminuir seu quadro de pessoal de 215 para 180 funcionários. Segundo Mauro Lobo Martins Júnior, diretor da empresa, "não tem havido dispensa em massa, mas há um ano estamos deixando de preencher as vagas dos demitidos, e a tendência é arrochar ainda mais, pois, com os custos altos e as encomendas baixas, nossos projetos estão em ritmo lento e até mesmo adiados".

O vice-presidente da Abinee, em Minas, Hermano Conselho, diretor comercial da Ritz-Chance, afirmou que "está havendo desemprego no setor em percentual ainda em torno de 5%, pois os industriais aguardam novas decisões do governo, já que as despesas financeiras crescem mensalmente e só os bancos lucram". O diretor da Fuji Electric Nordeste, Josefino Moraes, disse que a fábrica "está agora cumprindo metade da produção que deixou de elaborar no ano passado por problemas de importação, mas daqui para a frente o mercado é uma incógnita".

"FASE DE TRANSIÇÃO"

Para o presidente da Usiminas, Rondon Pacheco, "devido à nova realidade da política creditícia, a economia brasileira está passando por uma fase de transição, com as empresas buscando fluir o produto e produzir mais barato". Segundo Rondon Pacheco, "algumas estatais estão formulando sua política de estocagem, pois há nova dinâmica no mercado", e como "os juros estão muito elevados, ninguém agüenta pagar e as estocagens têm de ser reduzidas".

O presidente da Fiat Automóveis, Miguel Augusto Gonçalves, acredita que "não se pode falar em recessão, mas apenas em fase de transição da economia brasileira". Apesar da montadora ter chegado a manter um estoque de 5.110 carros no final de março passado (o que corresponde a uma semana de produção) e de ter programado demitir 600 empregados neste mês de abril, Gonçalves de Souza considera que "o segundo semestre será melhor para a indústria automobilística, com aumento de demanda no mercado interno, pois as taxas de juros tendem a cair, haverá maior expansão de crédito e a inflação deverá ser menor".